



Comitê de Representantes

Aprovada na 1217ª sessão

ALADI/CR/Ata 1199
26 de fevereiro de 2015
Horário: 10h às 10h35m

ATA DA 1199ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA E SOLENE DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do excelentíssimo senhor Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, Evo Morales Ayma.

Preside:

JUAN ALEJANDRO MERNIES FALCONE

Assistem: Rubén Javier Ruffi, Pablo Ducros, Victorio Tomás Carpintieri (Argentina), Benjamín Blanco Ferri, Jenny Encinas (Bolívia), Maria da Graça Nunes Carrion, Roberto Goidanich, Félix Baes de Faria (Brasil), Alex Rodrigo Chaparro Cavada (Chile), Alejandro Borda Rojas, Luz Marina Rivera Rojas (Colômbia), Ofelia Arteaga Cárdenas (Cuba), Emilio Rafael Izquierdo Miño, Gustavo Anda Sevilla (Equador), Alejandro de la Peña Navarrete, Oscar Ricardo Gallegos Sánchez, Diana Morales (México), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Raúl Cano Ricciardi (Paraguai), Augusto Arzubíaga Scheuch, María de Fátima Trigos Sakuma, Ricardo B. Romero Magni (Peru), Juan Alejandro Mernies Falcone, Linda Rabbaglietti, Ivannah Garelli Ruggia (Uruguai), José Félix Rivas Alvarado, Juan Carlos Gómez Urdaneta (Venezuela); Maurizio Gelli (Nicarágua), Yan Banghua (China), Arnoldo Herrera Vargas (Costa Rica), Roberto Leva (Guatemala), Naohito Watanabe (Japão), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Daniel Guerrero (República Dominicana), Alexey Labetskiy (Rússia), Miguel Taborga (CID); Gladis Genua, Alejandro Soriano (CAF), Ricardo Domínguez (OEA), Norberto Iannelli (SEBIG).

Secretário-Geral: Carlos Alvarez

Subsecretários: César Llona, Pablo Rabczuk

Comitiva Oficial: David Choquehuanca Céspedes, Ministro das Relações Exteriores.

Convidados especiais: Florisvaldo Fier Rosinha, Alto Representante Geral do MERCOSUL; Oscar Pastore, diretor do MERCOSUL; Cássia Pires, Gabinete do Alto Representante do MERCOSUL; Ernesto Fernández Polcuch, oficial a cargo do Escritório da UNESCO; Claire A. Poulin, embaixadora do Canadá no Uruguai; Néelson Simatovich, cônsul honorário de Suriname no Uruguai; Alejandro Sánchez, deputado, presidente da Câmara de Representantes do Uruguai; Walter de León, deputado; Alberto Couriel, ex-senador; Sandra Moresino, diretora da Unidade Assessora em Comunicação do MIDES; Beatriz Ramírez, diretora do Instituto Nacional das Mulheres do MIDES; Grégoire Cheynet, coordenador da Direção Nacional de Cultura, MEC; Adriana Rodríguez, gerente do Banco República, Uruguai; Ángel Rubén Piazza, presidente da Câmara de Comércio Uruguaio-Argentina; Rafael Sanguinetti, presidente da Comissão de Comércio Exterior da Câmara das Indústrias do Uruguai; Mariana Labastie, Direção Executiva de Anistia Internacional do Uruguai.

Mestre de cerimônias. Damos as boas-vindas a todos os presentes à Secretaria-Geral da ALADI para dar início a esta sessão extraordinária e solene para receber o excelentíssimo senhor presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, Evo Morales Ayma.

Toma a palavra o presidente do Comitê de Representantes.

PRESIDENTE. Bom dia a todas e a todos. Damos início a esta sessão extraordinária e solene do Comitê de Representantes da ALADI.

Excelentíssimo senhor Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, Evo Morales Ayma; senhor Ministro das Relações Exteriores da Bolívia, David Choquehuanca Céspedes; senhor Ministro interino das Relações Exteriores do Uruguai, Luis Porto; senhores Representantes Permanentes e membros das Representações junto à ALADI, senhores Representantes de países e organismos observadores, senhor Secretário-Geral, senhores Subsecretários, convidados especiais, distintos membros da comitiva presidencial, senhoras e senhores.

Senhor Presidente, cabe-nos, no dia de hoje, o grande privilégio e a alta honra, em nome do Comitê de Representantes da ALADI, de dar as cordiais boas-vindas a esta casa da integração latino-americana. Desejamos manifestar-lhe que damos muita importância à oportunidade, que reveste a sua visita, de renovar o compromisso de todos os países aqui representados com a causa comum da integração latino-americana.

Nesse sentido, a sua presença aqui é propícia para reafirmar os trabalhos da ALADI em prol do cumprimento dos objetivos previstos no Tratado de Montevideu 1980, de um processo de integração dedicado a promover o desenvolvimento econômico, social, harmônico e equilibrado da região.

Senhor Presidente, a sua vocação integradora e o seu permanente chamado à unidade e à integração da América Latina são grandemente conhecidos, e nos confirma, como já sabíamos, o interesse principal da Bolívia, país fundador tanto da ALAC quanto da ALADI, nas tarefas desenvolvidas por esta Associação de países irmãos, privilegiando os laços históricos de unidade com a América Latina.

Conhecemos a sua agenda apertada nesta visita ao nosso país, senhor Presidente, pelo que apreciamos especialmente a oportunidade de recebê-lo aqui na ALADI.

Senhor Presidente, esta audiência qualificada aguarda com muita expectativa as suas palavras, que nos servirão para renovar o nosso compromisso integrador, herdado dos nossos libertadores, que impulsionaram o sono da pátria grande.

A seguir, ofereço a palavra ao senhor ministro interino das Relações Exteriores do Uruguai, economista Luis Porto.

MINISTRO INTERINO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO URUGUAI (Luis Porto). Bom dia a todos, muito obrigado por estarem aqui. Como todos, estamos aqui para ouvir o presidente Evo Morales. Somo-me aos cumprimentos do presidente do Comitê, para não nomear todos, salvo o presidente Evo Morales, a quem recebemos com prazer, mas que, acima de tudo, sua visita honra o governo e o povo uruguaio pelo motivo que apontava o presidente do Comitê: seu espírito integrador.

A Bolívia é membro fundador da ALADI e é incorporada ao MERCOSUL sob a presidência de Evo Morales. Conversávamos há um momento que 70% do comércio exterior da Bolívia é com os países da ALADI, algo que é notoriamente diferente do resto dos países. O conjunto dos países da América Latina comercia entre si pouco mais de 20%, é um déficit que temos, e a Bolívia é um dos países com mais vontade permanente em todos os espaços de integração para superar isso.

Também, recebemos o presidente e nos honra o que ele está fazendo pelo continente, mas também pelo ser humano que ele é, tendo em vista as políticas que está implementando, as políticas em termos de direito, as políticas que atingiram transformações produtivas ao serviço das pessoas, ao serviço da sociedade, com uma

redução notória da pobreza, com melhoras em termos de igualdade, com o plano de alfabetização zero, por exemplo, cumprindo os objetivos do milênio em matéria de esgotos e de água potável, também em matéria de saúde, em matéria de cuidados à terceira idade com a Renda Dignidade, com os bônus que foi criando precisamente para a economia estar ao serviço das pessoas. São claras demonstrações de um governo e de um presidente que governa respeitando o direito e ao serviço da população. Por isso, a sua visita é uma honra. Damos as boas-vindas ao presidente e, como dizia o presidente do Comitê, aguardamos com expectativa as suas palavras. Obrigado, Presidente, por estar aqui.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Ministro Porto. Ofereço a palavra ao senhor secretário-geral, Carlos Chacho Alvarez.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente. Em primeiro lugar, saúdo e agradeço a presença de todos, embaixadores, funcionários, convidados. Saúdo a delegação que acompanha o presidente Evo Morales, o chanceler Choquehuanca, seus ministros, o embaixador da Bolívia. Saudar o novíssimo alto representante geral do MERCOSUL, que está aqui, o nosso amigo e colega Rosinha, que assume esta tarefa daqui a muito pouco, os convidados, os amigos desta casa.

Quero dizer que para nós é uma grande honra ter o home, o presidente legitimamente eleito várias vezes na Bolívia, que mudou drasticamente a realidade boliviana. Eu tive a sorte de conhecer a Bolívia pré-Evo, um país ingovernável, um país considerado um dos mais instáveis da América Latina. Era um país que alguns chamariam de *Estado falido*, que não podia sair adiante, prisioneiro de concessões e de contratos extorsivos das grandes empresas transnacionais, e era um país que os governantes tinham governado olhando para fora e desconhecendo e divorciando-se absolutamente dos milhões de indígenas que almejavam e demandavam um país mais justo.

Portanto, a Bolívia de 2003, 2002, ingovernável contrasta com a Bolívia que veio depois. Não falo isto de forma subjetiva, por adesão político-ideológica, mas porque assim é demonstrado por fontes absolutamente contraditórias: enquanto a esquerda diz que a Bolívia está fazendo a revolução política e cidadã, que está associando e potenciando a democracia representativa com a democracia comunitária, os organismos financeiros internacionais, dos jornais que revelam as finanças do mundo, elogiam o processo econômico da Bolívia.

A Bolívia é um dos países que mais tem crescido e o que mais cresceu em 2014. Nos últimos dez anos, a média de crescimento é de 6,5% e a renda per capita aumentou de US\$ 1.000 para US\$ 3.000. Ou seja, aconteceu uma revolução econômica na Bolívia que devemos reconhecer. É o que afirmam não só os defensores das ideias do companheiro e presidente Evo Morales, como também, insisto, os articulistas, os jornais e os organismos do mundo desenvolvido e do mundo financeiro.

Por isso, para nós é uma honra tê-lo aqui, porque é um homem que transformou o país, que foi legitimado mais uma vez nas urnas há pouco tempo com mais de 60% dos votos. É bom para os processos de integração, é bom para o que temos que fazer na ALADI que os países tenham presidentes com muita legitimidade social e, sobretudo, engajados e que acreditem no projeto de integração latino-americana; é uma saída importante para os nossos povos e para os nossos habitantes.

Muito obrigado, Presidente Evo, por estar aqui, e, como disseram os que me precederam, todos queremos te ouvir. Muito obrigado pela tua presença aqui na ALADI.

PRESIDENTE. Muito obrigado, senhor Secretário-Geral. Ofereço a palavra ao excelentíssimo senhor presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, Evo Morales Ayma.

PRESIDENTE DO ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA (Evo Morales Ayma). Muito obrigado, irmãos da ALADI, Carlos Chacho Alvarez, irmãos Embaixadores dos treze países da ALADI, Embaixadores de países convidados, Representantes de organismos internacionais, ouvintes todos do Uruguai e de toda a América Latina.

Para mim, é uma enorme alegria estar na casa grande da integração da América Latina, aqui em Montevideu, no Uruguai. Estou surpreso com a presença dos senhores, embora não tinha recebido do meu chanceler grandes informações sobre este ato, estou muito contente. Muito obrigado pelas palavras do secretário-geral e de todos os que se manifestaram.

Quero dizer, irmãs e irmãos, que a maior parte do comércio exterior boliviano se beneficia dos acordos assinados na ALADI: 59% das nossas exportações e 43% das nossas importações.

O povo boliviano acredita na integração. A Bolívia é o único país que, em sua constituição política de estado, prioriza a integração da América Latina acima de qualquer outro processo de integração. Temos certeza de que só com integração podemos enfrentar as crises provocadas pelos países do império; por isso, é que devemos preservar e valorizar todos os nossos espaços de integração e transformá-los em ferramentas para a libertação dos nossos países.

A CELAC confiou à ALADI a importante tarefa de desenvolver a dimensão econômico-comercial da CELAC. Para chegar lá, é necessário que os 36 países da CELAC façam parte da ALADI. Animamos os países que ainda não fazem parte da ALADI a somar-se a este processo de integração; fazemos um chamamento a facilitar o ingresso dos nossos membros, como a Nicarágua, que está em processo de adesão.

Infelizmente, herdamos organismos de integração criados para serem funcionais a interesses alheios aos nossos povos. Quando a ALADI foi criada, em agosto de 1980, os chanceleres que assinaram o Tratado de Montevideu eram, na maioria, governos das ditaduras: na Bolívia estava a chamada Junta Militar de Celso Terrelío Villa, Waldo Bernal e Oscar Pammo; na Argentina, o ditador Videla; no Uruguai, o ditador Aparicio Méndez. Vivíamos em pleno Plano Condor, em que a política da América Latina era dirigida desde o norte.

Hoje, os nossos povos se libertaram. Agora, nós escrevemos o nosso destino; por isso, hoje o grande desafio é transformar os organismos de integração para que atendam aos interesses dos nossos povos. Propomos aos países que fazem parte da ALADI que seja convocada uma reunião em Montevideu com os movimentos sociais da América Latina, para que sejam os povos os que dialoguem e desenhem a agenda da integração da América Latina para os próximos anos.

A Bolívia busca uma integração muito além do âmbito comercial, procurando a complementaridade produtiva, social, cultural e tecnológica. A Bolívia busca a construção do Abya Yala. A colônia dividiu com fronteiras as nossas Américas, mas os

nossos povos nunca esqueceram que somos irmãos e que somos uma só nação. Em tempos do Abya Yala, os nossos povos viviam em harmonia entre eles e com a natureza, não tínhamos fronteiras, portanto, não existiam tarifas nem barreiras comerciais. Infelizmente, a agenda de alguns dos nossos processos de integração só se concentram em discutir interesses de empresas transnacionais para concorrer com mercados, sem considerar as verdadeiras necessidades dos povos.

Queremos agradecer a este Comitê de Representantes por atender à Bolívia em seu legítimo reclamo contra as medidas unilaterais aplicadas aos nossos transportadores em seu trânsito para portos do Pacífico. Agradecemos muito este espaço e agradecemos as recomendações para solucionar este grave problema, e chamamos ao Chile a cumprir com o seu compromisso de outorgar um amplo e livre trânsito à Bolívia. Na Bolívia, praticamos a cultura do diálogo e esperamos que, no âmbito das reuniões que temos neste Comitê, atinjamos soluções concretas para o nosso reclamo.

Quero salientar, irmãos secretário e embaixadores presentes, o importante que tem sido para nós a nossa integração nacional, regional e, também, internacional

Saudamos os nossos ex-presidentes Lula, Néstor Kirchner, Hugo Chávez, grandes homens que gestaram uma grande integração. Sou ciente de que fomos parte da integração sul-americana também da CELAC. Gostaria que a América Latina fosse uma potência, não uma potência para dominar outras potências, mas uma potência de paz, pela vida, pela humanidade, para compartilhar o pouco que temos com outros continentes, se for necessário. Eu sou ciente de que a unidade, não apenas nacional, mas latino-americana, será muito importante para a libertação dos nossos povos.

Vocês sabem, irmãs e irmãos, que viemos de baixo, entendendo e conhecendo a pobreza, viemos de baixo pensando em como libertar as irmãs e os irmãos que ainda vivem na pobreza; vocês sabem muito bem que temos avançado bastante na Bolívia, não apenas em matéria econômica, mas também em matéria política.

Como dizia o irmão Chacho Alvarez, o nosso secretário: isso só é possível com a unidade. Ora, a união é difícil; porém, quando nos unimos, nos libertamos; quando nos unimos, nos desenvolvemos, e estou convencido – e quero ser muito sincero – algumas potências vão querer que não nos desenvolvamos, porque os seus interesses estão antes. Se bem antes havia processos de libertação, depois desses processos de libertação democrática vinham ditaduras militares.

Evidentemente, na Bolívia existia uma total ingovernabilidade antes dos cinco anos de mandato, antes de que eu fosse presidente. Antes de 2006, havia um presidente por ano: em 2001, Banzer; em 2002, Tuto Quiroga; em 2003, Gonzalo Sánchez de Lozada; em 2004, Carlos Mesa; em 2005, Eduardo Rodríguez Veltzé. Sinceramente, irmãs e irmãos, custa entender como nós estamos há nove anos e ratificados por mais cinco anos. Essa é a libertação democrática, pacífica, participativa, sob a luta da consciência do povo da Bolívia.

Em matéria política, atingimos várias consecuições, como de que forma chegar à re-fundação da Bolívia mediante a Assembleia Constituinte com a participação do povo boliviano. Os Constituintes propuseram um projeto de constituição ao povo e o povo, pela primeira vez, aprovou a sua constituição com o seu voto. Antes, também havia reformas constitucionais, havia antes Assembleias Constituintes, mas com partidos políticos que tinham representação parlamentar e não com o povo boliviano.

Em matéria econômica: a nacionalização dos hidrocarbonetos, das empresas públicas, dos serviços básicos. As tarifas de energia elétrica e de água potável, desde que nós chegamos, não têm aumentado nem um centavo porque os serviços básicos são um direito humano.

Essa política nos permitiu avançar bastante na Bolívia. O povo boliviano conhece essas políticas econômicas que desenvolvemos, e nem com o companheiro Álvaro, o nosso vice-presidente, calculamos que a libertação econômica ia ser tão rápida com a nacionalização dos hidrocarbonetos. A venda petroleira em 2005 era de 300 milhões de dólares; agora, depois da nacionalização, é de mais de 6 bilhões de dólares.

Eu, junto com a *Central Obrero Boliviana*, pedia a nacionalização aos governos passados e a resposta era: "se nacionalizarmos, não haverá investimentos". E de quanto eram os investimentos em 2005? Antes de eu ser presidente, eram de 240 milhões de dólares das petroleiras internacionais. De quanto é o investimento na Bolívia hoje em dia? Para este ano estão programados 240 bilhões de dólares; 70%, 80% com o nosso dinheiro, os outros também contribuem, mas pouco.

As petroleiras continuam na Bolívia. Aqueles que não conspiram politicamente contra o governo nacional têm garantido o seu investimento, mas vocês sabem, os que são economistas, que existe o que se chama *custo recuperável*. Portanto, na realidade não investem sequer nas petroleiras, mas prestam um serviço e, com o custo recuperável nós pagamos. Como exemplo do modelo econômico boliviano, posso mencionar o caso de San Alberto. Depois da nacionalização, a Bolívia fica com 85% e 15% vai para a Petrobras. Desse 15%, porém, nesses megacampos, 7% é para custos recuperáveis. O que foi investido com esse 7%, nós pagamos. Finalmente, a Bolívia fica com 92% e a Petrobras com 8%. Estão trabalhando e investindo muito bem. Anteontem, descobrimos outro reservatório que produzirá 2 milhões de m³ por dia. Estamos contentes, isso é investimento. É previsto mais investimento para garantir energia ao povo boliviano.

O que nós fizemos? Antes, os nossos recursos econômicos eram exportados e privatizados, isto é, as transnacionais levavam os recursos porque 82% era para a empresa petroleira e 18% para os bolivianos, e agora é o contrário. Embora tenhamos problemas de líquidos, de combustíveis, ainda importamos bastante diesel e gasolina, há uma subvenção. Temos previsto terminar com o tema da gasolina ainda este ano, o diesel é mais difícil.

Irmãs e irmãos, obrigado pela participação da comunidade internacional, dos organismos internacionais. Estamos indo muito bem, porque é muito importante sentir pelas famílias que nunca tinham tido oportunidades e sentir a redistribuição da riqueza, sentir que a riqueza agora não é privatizada, mas que volta ao povo boliviano mediante obras, ou volta também com as transferências que fazemos diretamente às prefeituras ou aos governos departamentais.

Continuamos em campanha. A nossa ideia é ganhar todos os governos. Por que queremos ganhar os governos estaduais? Alguns opositores, quando ganham prefeituras importantes ou governos estaduais não pensam no desenvolvimento do estado, não pensam em conversar com o presidente, com o governo nacional, para que o seu município ou estado possa ganhar, mas pensam em como será o futuro presidente e, para isso, há que atacar Evo Morales. E aí, quem é que perde? O povo perde, Evo não perde. Vocês sabem que temos enfrentado revogatórios, golpes de Estado, conspirações internas e externas, mas, também, com muito respeito – se o embaixador dos Estados Unidos está presente aqui – sem o embaixador dos Estados Unidos estamos melhor política e democraticamente.

Um exilado vítima das ditaduras militares me disse: "Evo, tome cuidado com a Embaixada dos Estados Unidos". E perguntei por quê. Nos Estados Unidos não tem havido golpe de Estado porque lá não há embaixador dos Estados Unidos. Porque, sinceramente, temos suportado muitas conspirações e, por isso, com muita firmeza, eu digo que estamos melhor. Queremos relações bilaterais com os Estados Unidos; talvez Chacho possa ser o elo, mas sempre que haja respeito. Somos da cultura do diálogo, viemos das famílias do diálogo, menos quando querem conspirar contra nós. Também não podemos nos permitir conspiração de qualquer embaixador em nosso país.

Irmãs e irmãos, quero dizer, com muita sinceridade, que estou supresso com os resultados econômicos e sociais. O povo boliviano nos confiou mais cinco anos. Gostaria de propor a Chacho, e a todos vocês, que, com o seu conhecimento, acompanhem este processo. Se há um processo de libertação econômica é também graças a que temos nos libertado desses organismos internacionais que impunham políticas econômicas que chantagearam os governos. Com pena, eu reviso alguns jornais de antes. O que diziam os governos de antes? "O programa nacional já está preparado e esperamos a benção do Fundo Monetário Internacional". Estava nas manchetes dos jornais.

Quando ganhamos as eleições de 2005, nem o Banco Mundial nem o Fundo Monetário Internacional vieram me buscar: o que é que esse índio vai fazer? Eu afirmei: "Nós vamos decidir as nossas políticas econômicas. Se eles quiserem nos apoiar, fantástico; se não, que não apóiem." Evidentemente, nos salvaram algumas políticas sociais, mas estamos só começando.

Eu dizia que, em certo momento, até para ser sindicalista, para ser dirigente sindical fui levado para algumas oficinas, seminários; para ser presidente, não tive nada, zero, e tinha muitas dúvidas sobre como iniciar a gestão, mas também muita confiança; muita confiança em nós próprios, no nosso povo, e nos que nos ajudaram; tenho que reconhecer, os irmãos cubanos, venezuelanos, Fidel, Hugo. Fidel com Missão Milagre, esse programa social tão importante para nos fortalecer, com a campanha de alfabetização *Yo sí puedo*, primeiro programa social que começamos com cooperação. Depois de 1.º de maio de 2006 já não temos tido muitos problemas.

Eu sempre lembro que antes, os presidentes, os governos, viajavam aos Estados Unidos entre setembro e outubro para solicitar empréstimos para pagar salários, especialmente o 13.º. Vou conferir os dados econômicos com Álvaro, mas creio que entre setembro e outubro não faltava dinheiro, não tinham que nos emprestar nada para pagar o 13.º. Estamos surpresos porque sobrava dinheiro e, como sobrava, criamos o Fundo Juancito Pinto, um bônus escolar para evitar a deserção escolar. Eu repito: não éramos especialistas, então, trabalhar, trabalhar, como juntar dinheiro, de onde recuperar dinheiro, foi algo que nos surpreendeu. Embora também tenha havido diferenças com ministros; alguns diziam que com o Bônus Juancito Pinto ia ter inflação – os ministros também não eram especialistas e tinham muito medo –, porém, não aconteceu nada.

Assim foi que nos libertamos, e foi importantíssimo ter nos libertado desses organismos internacionais. Depois, o primeiro em se somar foi o Banco Mundial. Em 2007, eles me visitaram e me disseram: "Presidente, nós apoiaremos o Programa Nacional de Desenvolvimento do governo". Nós saudamos o gesto, qualquer cooperação é bem-vinda, qualquer recomendação em temas econômicos. Estamos organizando como continuar crescendo este ano, com investimento, mas sem

descuidar o aspecto social, a responsabilidade trabalhista; sempre combinamos isso e isso também tem nos ajudado bastante para conseguir estabilidade social.

Estabilidade social transformada em estabilidade política e estabilidade política transformada em estabilidade econômica e com crescimento. Eu não tinha conhecimentos, não era especialista, mas fui obrigado a aprender; somos obrigados quando temos a capacidade de sentir através dos nossos irmãos e irmãs, e, mais do que isso, quando os políticos sentimos que a política é a ciência do serviço ou a ciência de servir ao povo e não um benefício ou um negócio. Nós condenamos isso: a política em família; eu nunca agi dessa maneira. Condenei essa forma quando era deputado, mas acabei expulso do Congresso. Fui expulso por condenar a política do papai presidente e filhos parlamentares, do papai presidente, irmão contador, filha deputada, genro dono do palácio; esse era o negócio em família. Nós nunca fizemos isso porque a minha família estaria proibida enquanto eu fosse presidente, a autoridade máxima. Também tentamos sempre acabar com a arrogância do político, do abuso do poder. É tão importante ter estado ao lado do povo, entender suas demandas e atender às demandas do povo.

Companheiro Chacho e embaixadores todos: muito obrigado por este convite. Estou muito contente com esta pequena experiência e também muito surpreso. Muito obrigado.

- *Aplausos*

PRESIDENTE. Senhor Presidente Evo Morales, agradecemos novamente a sua presença e as suas palavras nesta casa da integração latino-americana. Convido o senhor a assinar o livro de visitantes ilustres.

- *Assinatura do livro de Visitas Ilustres.*

Mestre de cerimônias. O presidente do Comitê e o secretário-geral fazem entrega da medalha dourada da ALADI, máxima distinção que entrega a Associação Latino-Americana de Integração.

- *Entrega da medalha recordatória.*

... A seguir, convidamos os senhores Representantes Permanentes para a fotografia oficial.

- *Foto recordatória.*

- *Encerra-se a sessão.*
